
Variação e análise paramétrica: algumas possibilidades de estudos em línguas indígenas brasileiras

Marília Lopes da Costa Facó Soares

Resumo

Neste artigo, apontamos algumas possibilidades de investigação que, tendo como seu campo de interesse as línguas indígenas brasileiras, nascem de um quadro teórico formal em que o estudo da variação lingüística se tornou uma necessidade. O quadro teórico em questão é a Teoria de Princípios e Parâmetros em versões minimalistas, e os caminhos de investigação com que lidamos encontram-se associados a determinadas línguas amazônicas. Ao abordar as possibilidades de pesquisa existentes para essas línguas, o texto procura mostrar como, com a adoção da variação lingüística em termos do quadro teórico que se está assumindo, ficam enriquecidos os estudos das interfaces, da sintaxe e do léxico.

Palavras-chave: línguas indígenas; variação lingüística; sintaxe; fonologia; léxico.

1 Apresentação

Este texto incorpora alguns aspectos de dois projetos nossos: "Um estudo de interfaces em línguas indígenas brasileiras"¹ e "Projeto Pano. Estudos sincrônicos e diacrônicos"². Ao escrevê-lo especialmente para esta publicação da Revista *Gragoatá* dedicada ao estudo da variação lingüística,³ é nossa intenção apontar algumas possibilidades de investigação que, tendo como seu campo de interesse as línguas indígenas brasileiras, nascem de um quadro teórico formal em que o estudo da variação lingüística se tornou uma necessidade. O quadro teórico em questão é a Teoria de Princípios e Parâmetros em versões minimalistas. Nesse quadro, o estudo da variação lingüística se tornou uma necessidade bem justificada porque, se por um lado, são os Princípios compartilhados por todas as línguas, por outro, residem justamente nos Parâmetros as possibilidades de alternativas lingüísticas, ponto a partir do qual pode ser abordada a variação lingüística.

Neste artigo, os caminhos de investigação com que lidamos encontram-se associados a determinadas línguas amazônicas, que são aquelas cobertas pelos projetos que mencionamos mais acima: a língua Tikuna (isolada) - considerada na integralidade de sua área - e línguas pertencentes à família lingüística Pano.⁴

2 Línguas estudadas, áreas envolvidas e variação lingüística

A língua Tikuna é falada por uma numerosa população (cerca de 25.000 indivíduos) distribuída por três países (Brasil, Peru e Colômbia) e, se considerado o lado brasileiro, constitui o maior grupo indígena do país, sendo que o número de comunidades ascende, no Brasil, a 117 aldeias contidas em 25 áreas encontradas em 8 municípios do estado do Amazonas - a maior parte ao longo/ nas proximidades do rio Solimões. Estudamos diretamente essa língua em duas dessas áreas: a área Évare I (aldeias Belém do Solimões, Vendaval e Campo Alegre⁵) e a área Nova Itália (aldeia Canimaru⁶). O que alcançamos compreender sobre a língua, os trabalhos que produzimos e o contato que temos com falantes provenientes de diferentes pontos da área Tikuna⁷ nos permitem lidar - em melhores condições - com o estudo da variação lingüística. No caso Tikuna, para o início desse estudo, estamos considerando com especial atenção a área chamada de Évare I. Localizada nos municípios de São Paulo de Olivença e Tabatinga (estado do Amazonas), essa área congrega ao todo 47 aldeias,⁸ reunindo mais da metade da população Tikuna no Brasil.

No que diz respeito à família lingüística Pano, essa não possui classificação em tronco (Rodrigues, 1986). Segundo Darcy Ribeiro, os grupos que compõem essa família habitam uma área de grande homogeneidade cultural e contigüidade territorial que se estende do Vale do Ucayali (no Peru) até o terço médio dos vales do Purus e Juruá (no lado brasileiro) e vem ainda até o rio Madre de Dios (no lado boliviano). Essa família é constituída por vinte e oito línguas (algumas das quais já extin-

tas), distribuídas em uma região de fronteiras entre a Bolívia (duas línguas), o Peru (quatorze línguas) e o Brasil, com doze línguas espalhadas pelos estados do Acre, Rondônia e Amazonas. Dessas línguas, já vínhamos dando atenção - através do trabalho de orientação de tese - a duas línguas Pano do estado do Amazonas - Marubo e Matsés⁹ - e a essas estamos acrescentando a língua Matis.¹⁰ No caso de línguas Pano do estado do Acre, três dessas línguas (Jaminawa, Yawanawa e Kaxarari) mereceram um estudo no âmbito da lingüística descritiva e histórica¹¹, devendo a sua análise ser retomada nos termos que ora estamos propondo. Ainda com referência a línguas Pano faladas no estado do Acre, poderá ainda ser abarcada pelo estudo a língua Arara. A escolha de novas línguas no interior da família Pano, bem como a manutenção de algumas que já receberam um estudo anterior, tem uma meta dupla: alargar o número de línguas estudadas e situá-las no interior da própria família a partir dos objetivos da nossa proposta de estudo (como é o caso do acréscimo do Matis e do Arara) e lidar com a variação lingüística no interior do que é considerado como a mesma língua. Em razão dessa meta dupla, estamos, por exemplo, mantendo o Marubo (que foi estudado com base em dados coletados em uma comunidade do rio Curuçá (Vale do Javari, Amazonas), mas que ainda não foi estudado a partir de dados que poderiam ser obtidos em comunidades do rio Ituí (também Vale do Javari, Amazonas). E o mesmo pode-se dizer do Matsés, estudado a partir de dados obtidos nas aldeias Lobo, mas não a partir de dados que poderiam ser obtidos em várias outras comunidades existentes em uma faixa entre o Brasil e o Peru. Cabe também dizer que as línguas Pano escolhidas representam diferentes estágios de vitalidade em face da língua portuguesa e que as populações que as falam não vivem exatamente a mesma situação.¹²

Há diferenças básicas entre os dois grandes conjuntos de línguas com que estamos lidando. A língua Tikuna é amplamente falada em toda a área Tikuna por uma população numerosa que mantém intercuro no interior de sua área, que é extensa. No que diz respeito às aldeias que se encontram do lado brasileiro, o uso intensivo da língua por uma população numerosa não chega a ser ameaçado pela proximidade de cidades (quando é o caso) ou mesmo pela convivência com falantes de outras línguas no interior da própria área Tikuna: nas aldeias, esses outros falantes são minoritários e acabam por se submeter à realidade Tikuna, razão pela qual, talvez, não representem uma ameaça do ponto de vista lingüístico¹³. Já as línguas Pano - línguas aparentadas - estão sujeitas, em diferentes graus, à influência de uma língua dominante e, ainda, ao contato com outras línguas indígenas (línguas essas que podem pertencer à mesma família Pano ou a outro grupamento lingüístico¹⁴). São faladas em áreas geográficas mais restritas por grupos relativamente reduzidos de falantes - exceção feita à língua Jaminawa, que, devido ao nomadismo de sua população,¹⁵ é falada em diversos pontos do estado do Acre, do Peru e da Bolívia. No Brasil, as línguas Pano encontram-se em diferentes estágios de vitalidade em face da língua portuguesa, sendo que algumas dessas

línguas podem ser colocadas no rol daquelas que se encontram em perigo.

Apesar das situações basicamente diferenciadas que acabamos de apontar entre esses dois grandes conjuntos de línguas amazônicas (a língua Tikuna e as línguas Pano), o quadro teórico em que nos movemos permite partir da hipótese de que a variação no interior de uma mesma língua e a variação entre línguas (variação interlingüística ou translingüística, relacionada a universais lingüísticos) podem estar restritas a determinadas propriedades dos enunciados. Em outros termos, como o princípio básico do quadro teórico é o de que as línguas são basicamente uniformes¹⁶, há limites para a variação lingüística, limites esses relacionados a determinadas propriedades dos enunciados. O caso Tikuna constitui um campo fértil para o estudo de variação intralingüística, devido à extensão total da área em que a língua é intensivamente falada e o elevado número de comunidades Tikuna. As línguas Pano permitem o estudo da variação intralingüística (por exemplo, em situações como as das línguas Marubo e Matsés, mencionadas mais acima) e favorecem o estudo da variação interlingüística, quer entre línguas da própria família, quer no confronto dessas com outras línguas situadas fora da família Pano. Assim, tanto no caso Tikuna quanto no caso das línguas Pano, pode ser contemplado o estudo das possibilidades/ dos limites da variação lingüística. Desse modo, no caso Tikuna e no caso das línguas Pano focalizadas, o estudo da variação lingüística poderá lidar não só com a variação dialetal de pronúncia - em que semelhanças no léxico e na gramática convivem com diferenças em determinados pontos da estrutura fonológica e da interface fonologia/sintaxe -, mas também com a variação em termos de possibilidades gramaticais, quando diferentes opções de estruturas são aceitas em uma mesma língua¹⁷. E ambos os tipos de variação mantêm vínculo estreito com a idéia de variação translingüística possível.¹⁸

Com a adoção da variação lingüística em termos do quadro teórico em que estamos nos movendo, ficam enriquecidos os estudos das interfaces, da sintaxe e do léxico. Nas seções a seguir, damos exemplos desse enriquecimento, abordando as possibilidades de pesquisa em termos do nosso objeto de interesse - línguas indígenas brasileiras, representadas aqui pela língua Tikuna e pelas línguas Pano. Tais possibilidades contemplam de perto a interface sintaxe-fonologia, a interface da Forma Fonológica (PF) com o sistema de performance articulatório-perceptual e, ainda, o estudo do léxico e sua relação com as interfaces.

2 O estudo das interfaces

2.1 Interface sintaxe-fonologia : breve histórico e perspectivas de pesquisa

Na nossa pesquisa, o estudo da interface sintaxe-fonologia teve como sua referência básica versões pré-minimalistas da Teoria de Princí-

pios e Parâmetros, mais conhecidas sob o nome de Teoria de Regência e Vinculação (GB). Tendo no horizonte essa referência, nos trabalhos produzidos chegou-se, a partir do estudo de línguas indígenas específicas, a algumas conclusões, a saber:

- (i) a constituição de domínios prosódicos operada independentemente do nível gramatical pode ser resultante do primeiro plano assumido pela construção de constituintes rítmicos básicos (pés binários) e pela derivação imediata de padrões a eles relacionados (exemplo, língua *Tikuna* – língua tonal considerada como isolada; cf. Soares (1992, volumes I e II⁹; Soares, 1999);
- (ii) a construção de padrões binários básicos pode assumir um primeiro plano em uma língua, se processos ligados ao ritmo operarem em uma linha métrica muito baixa (ex. língua *Tikuna*, que apresenta, no nível frasal operações centradas no pé; idem, *ibidem*);
- (iii) a existência de processos rítmicos em linha métrica menos baixas coincide, por sua vez, com a existência de línguas: (a) em que o grau de liberdade do ritmo face à sintaxe – mesmo quando constatado – é relativamente menor (ex.: língua *Marubo*, língua de acento de altura pertencente à família Pano); (b) em que o domínio prosódico do acento frasal, não sendo necessariamente isomórfico aos constituintes morfo-sintáticos (cf. Costa, 1992, 1998, 2000; Dorigo & Costa, 1997), não chega a ignorar os constituintes sintáticos maiores (língua *Marubo*, Pano); (c) em que os domínios prosódicos constituídos preservam a informação sintática (exemplo: língua *Matsés*, língua de acento de altura; família Pano; cf. Carvalho, 1992; Dorigo & Costa, 1997, Dorigo, em andamento).

As conclusões mencionadas situam as três línguas estudadas em posições diferenciadas no que diz respeito à liberdade do ritmo em face da informação sintática. Chamando a atenção para a questão do quanto a fonologia deve saber da sintaxe, tais conclusões ganharam importância em um quadro teórico específico, quadro esse que permitia o confronto entre posições opostas quanto ao tipo de acesso da fonologia em relação à sintaxe – as posições de acesso direto *versus* de acesso indireto, havendo, no interior dessas duas posições maiores, diferenças quanto à maneira de efetuar tal acesso. O efeito das conclusões mencionadas é maior se admitido um acesso indireto da fonologia em relação à sintaxe, isto é, em quadro que, tendo como sua referência versões pré-minimalistas da sintaxe, postula a existência de uma estrutura intermediária entre a sintaxe e a fonologia. Conforme as características dessa estrutura intermediária, será mais ou menos distanciada a relação entre sintaxe e fonologia. Em Selkirk (1984), essa relação é menos distanciada: a estrutura intermediária compreende dois níveis, um nível rítmico e um nível em que uma representação sintática é alinhada a uma grade métrica – sendo esse alinhamento o responsável pela revelação ao ritmo das necessidades da sintaxe (por exemplo, sílabas alinhadas com o início ou final de pala-

vras ou sintagmas devem ser mais proeminentes do que outras sílabas no interior da estrutura rítmica total de palavras ou sintagmas). Em Selkirk (1995), a relação entre ambos os componentes ainda se mantém como menos distante, apesar de uma minimização da contribuição de um possível componente rítmico para a própria relação: Selkirk tenta remover da teoria fonológica do acento frasal a motivação para a existência de um componente rítmico, ao eliminar a necessidade de menção a princípios de base rítmica, como Evite Colisão e Evite Lapso; mantém, porém, a importância da sintaxe no que diz respeito ao acento (por exemplo, argumenta ela (SELKIRK, 1995, p. 564) a favor de uma restrição que atrai a proeminência acentual para a margem esquerda de um constituinte). Em Nespor & Vogel (1989) e Nespor (1990), a relação entre sintaxe e fonologia é bastante distanciada (quase nula) no que se refere ao ritmo e relevante apenas em termos da fonologia prosódica (que inclui as regras de sândi). Em Nespor (1990, p. 244), a estrutura prosódica é intermediária entre a sintaxe e o componente prosódico da fonologia lexical. E é a grade métrica (a grosso modo uma representação de uma hierarquia de periodicidades temporais) que realiza a intermediação entre a fonologia prosódica e a fonologia do ritmo. Nessa visão, a interface entre fonologia e sintaxe fica limitada à fonologia prosódica, tornando-se impossível à fonologia do ritmo fazer qualquer referência à sintaxe – e isso porque as regras do ritmo se aplicam em uma hierarquia que contém somente uma sequência de periodicidades mais ou menos proeminentes constantes de uma grade métrica desprovida de referência direta a constituintes. A única possibilidade aqui de recuperação de uma certa quantidade de informação prosódica a partir da grade métrica provém de um momento anterior à aplicação das regras do ritmo: porque realiza a intermediação entre a fonologia prosódica e a fonologia do ritmo, a grade métrica pode permitir uma tal recuperação *antes* que as operações de grade modifiquem (em função da eufonia) o padrão rítmico da sentença. A recuperação da informação prosódica sobre a sentença fica, assim, restrita a um nível de representação que é anterior à aplicação das regras do ritmo, sendo esse nível de representação resultado da aplicação das regras que constroem a grade métrica. Essas regras constroem grades métricas com base na estrutura prosódica, por sua vez constituída por meio de categorias prosódicas não necessariamente isomórficas com categorias sintáticas.²⁰ E, ainda que não represente uma ruptura radical entre sintaxe e fonologia, o não-isomorfismo entre categorias sintáticas e categorias prosódicas torna a relação entre sintaxe e fonologia mais distanciada do que aquela prevista por Selkirk.

As mesmas conclusões mencionadas acima ganham contornos importantes em um quadro teórico de fonologia formal que pode ter como sua referência uma versão minimalista da sintaxe. Com essa referência no horizonte, a questão de base a ser respondida diz respeito à natureza dos traços que estão presentes no mapeamento sintaxe-fonologia e àqueles que se fazem presentes no nível da implementação fonética. De acor-

do com o ponto de vista de Chomsky, (1995, p. 334-335), o Axioma de Correspondência Linear²¹ não é um princípio de boa formação de sintagmas relevante em todos os componentes e níveis de representação da gramática, sendo visto como uma operação de mapeamento do componente fonológico que estabelece relações de precedência entre os núcleos terminais do output de *Spell-Out*²². Concebido como uma operação necessária para satisfazer a uma condição de interface (a de que o sistema Articulatório-Perceptual não pode pronunciar mais de uma palavra ao mesmo tempo e de que, conseqüentemente, só aceita como *input* uma representação em que as palavras estejam ordenadas), o Axioma de Correspondência Linear é visto, portanto, como parte integrante do mapeamento sintaxe-prosódia (cf. GUIMARÃES, 1998, p.150-151). Se entendido que esse Axioma – realizado ou não em mais de um passo²³ – opera não sobre todos os membros do conjunto de todos os termos de uma sentença, mas apenas sobre aqueles membros que forem projeções mínimas com traços fonológicos (termos “pronunciáveis”), o Axioma de Correspondência Linear terá por função estabelecer as relações de precedência entre os membros do componente fonológico, isto é, sobre projeções mínimas com traços fonológicos.

Com tal entendimento, podem ser colocados como prioritários os seguintes pontos de estudo para a interface sintaxe-fonologia:

- a) a natureza exata do papel de *Spell-Out* e, conseqüentemente, do papel dos traços que serão levados em conta pelo componente fonológico, aí incluídos aqueles traços que, sendo “pronunciáveis”, podem estar relacionados a categorias funcionais;
- b) a construção dos constituintes prosódicos e a sua relação com a linearização;
- c) a determinação do estatuto teórico do pé e do seu papel na fonologia, o que significa investigar e fundamentar a possibilidade de o pé poder ou não ser mantido como categoria prosódica e, conseqüentemente, como constituinte a ser levado em conta ou não no mapeamento sintaxe-fonologia – algo de importância crucial em termos dos resultados já alcançados e mencionados no início desta seção para as línguas indígenas sob investigação.

Conhecer a natureza exata do papel de *Spell-Out* é um passo imprescindível quer para o entendimento da construção de constituintes prosódicos e da sua relação com a linearização, quer para a determinação do estatuto teórico do pé e do seu papel na fonologia. Se derivações procedem por “pedaços”, esses são processados pelo sistema computacional independentemente uns dos outros e enviados por *Spell-Out* para o componente fonológico, onde talvez sejam trabalhados, de acordo com Raposo (1999, p. 8), por algoritmos da Fonologia Prosódica. Retornando como um todo para a computação, esses “pedaços” são fundidos (*merged*) até que uma nova fase relevante seja alcançada (a chamada fase forte) e enviada para *Spell-Out*, em um processo cíclico²⁴. Seguindo ainda com Ra-

posso (1999, p. 8), a questão substantiva é como definir esses "pedaços", verificando se esses são equivalentes às "fases" de Chomsky (1999), às "cascatas derivacionais" de Uriagereka (1999) ou mesmo às "strings" de Guimarães (1998). E aqui - no nosso entender - o estudo da variação lingüística tem um papel fundamental: na medida em que há possibilidades (e limites de possibilidades) para diferenças em determinados pontos da estrutura fonológica e da interface sintaxe-fonologia quando essas convivem com semelhanças no léxico e na gramática, o estudo da variação lingüística pode contribuir enormemente para a busca de respostas à questão substantiva que acabamos de mencionar e, conseqüentemente, para o conhecimento da exata natureza do papel de *Spell-Out*, para o entendimento da construção de categorias posólicas e para a determinação do estatuto teórico do pé - pontos que se colocam como prioritários em nossa pesquisa.

2.2 *A interface forma fonológica-sistema de performance articulatório-perceptual: computação fonológica e implementação fonética*

No estudo da interface da Forma Fonológica (FF) com o sistema de performance articulatório-perceptual, estão sendo contemplados, em nosso trabalho, dois eixos de pesquisa:

- a) prosódia e computação fonológica, em que se focaliza a implementação do *output* fonológico através da interpretação, pelo sistema articulatório, das fronteiras dos constituintes prosódicos como barreiras para a articulação;
- b) representação categorial de traços no nível fonológico e representações no nível fonético, em que se verifica proposta segundo a qual as representações categoriais de traço do nível fonológico são projetadas no nível fonético acústico, onde esses provêm a base para a especificação de valores paramétricos acústicos (CLEMENTS, HERTZ & LAURER, 1995); com essa verificação, pretende-se contribuir para o entendimento da representação acústica e encontrar uma resposta para a questão de se a representação acústica - tal como a representação fonológica - envolve ou não unidades parcialmente especificadas e arranjadas em camadas multilineares relacionadas por freqüentes padrões complexos de associação.

O estudo dessa interface tem a apoiá-la duas teses de doutorado (uma concluída (Costa, 2000) e outra em andamento (Dorigo), além de uma dissertação de mestrado finalizada (Lanes, 2000)) - trabalhos que contemplam a organização interna dos sons da fala. E também aqui a variação lingüística tem a sua contribuição a dar: dentro da idéia de variação possível/limite de variação, o estudo do uso lingüístico em situações concretas de fala pode ajudar a compreender os mecanismos internos que se encontram em jogo na produção e percepção da fala.

2.3 O léxico e sua relação com as interfaces

No quadro teórico adotado, privilegia-se, conforme estamos vendo, a noção de traço. Na sintaxe, os traços não-interpretáveis existem para implementar o deslocamento, que se dá por exigências das interfaces. No âmbito das próprias interfaces, a noção de traço continua a predominar: como já vimos (cf.2.1), é importante saber qual a natureza dos traços que serão levados em conta pelo componente fonológico no ponto em que se tem *Spell-Out*, da mesma forma como é relevante verificar se representações categoriais de traço do nível fonológico são projetadas no nível fonético-acústico (cf. 2.2).

No caso do léxico, Chomsky (1998, p. 143, nota 86), chama a atenção para a possibilidade de que categorias lexicais substantivas não existam, mas somente raízes nuas. Nos termos ainda de Chomsky (idem, ibidem), *propriedades configuracionais e morfológicas, juntamente com traços categoriais da raiz*, (grifo meu) determinariam as propriedades estruturais relevantes. E nesse sentido é possível conceber que a gramática constrói todas as palavras na sintaxe, usando para isso os mesmos mecanismos gerais – possibilidade explorada por Marantz (1997), que trabalha com a idéia de uma morfologia distribuída (*Distributed Morphology*), a qual relaciona o léxico não somente com o sistema computacional, mas também com as interfaces fonética e semântica.

De acordo com Marantz (1997), a Morfologia Distribuída explora a noção de léxico tal como essa é concebida em uma visão lexicalista.²⁵ A Morfologia Distribucional inclui um número de listas não-computacionais como substituições do léxico, sendo que a estrutura da gramática passa a contar com:

- 1 - um léxico estrito, gerativo e diretamente ligado ao sistema computacional e constituído por raízes atômicas e um feixe de traços gramaticais – traços esses que, determinados pela Gramática Universal e talvez por princípios de línguas particulares (porém amplos), constituem conjuntos livremente formados e sujeitos a princípios de formação;
- 2 - um “vocabulário”, não-gerativo e expandível, relacionado à interface fonética, o qual inclui as conexões entre conjuntos de traços gramaticais e traços fonológicos e, além disso, determina as conexões entre nódulos terminais a partir da sintaxe e sua realização fonológica;
- 3 - a “enciclopédia”, que lista os significados especiais de raízes particulares, relativos ao contexto sintático das raízes, no interior de domínios locais; tal como o “vocabulário”, a “enciclopédia” é não-gerativa e expandível, e está relacionada à interface semântica.

Concebida a morfologia como distribuída ao longo da gramática, a afirmação basicamente feita, por meio dessa distribuição, é a de que não há divisão nítida entre significados especiais de palavra e de frase, podendo a gramática construir todas as palavras na sintaxe através dos

mesmos mecanismos gerais. Com isso, abre-se o caminho para uma outra afirmação, que é consequência das anteriores: a de que domínios de localidade para significados especiais são definidos sintaticamente. Disso são exemplos as expressões idiomáticas e também as raízes, que podem (aliás devem, segundo Marantz, 1997), possuir significados especiais no contexto (sintático) de outros elementos no interior de um domínio de localidade, na medida em que são definidas como elementos cujos significados não são completamente determinados por seus traços gramaticais. De acordo com Marantz (1997), a literatura lingüística argumenta conclusivamente a favor da identificação da fronteira de um desses domínios de localidade: a cabeça sintática²⁶ que projeta agentes. Domínio para significados especiais, nada acima dessa cabeça pode servir como contexto para significado especial de qualquer raiz abaixo dessa cabeça, e vice-versa. As previsões feitas a partir da identificação de tal domínio de localidade – previsões empiricamente sustentadas – são as seguintes:

- a) expressões idiomáticas não podem incluir agentes fixos (por exemplo, 'The shit hit the fan' deve ser não-agentivo, visto que "the shit" é parte fixa de uma expressão idiomática);
- b) verbos passivos na forma podem ser idiomáticos ou parte de expressões idiomáticas somente se são estativos, não se são eventivos (o que é confirmado por dados do inglês, do francês e do Chichewa (que usa diferentes sufixos para passivas e estativas) ;
- c) uma construção causativa não pode ser idiomática, a menos que o verbo mais baixo seja não-agentivo (isto é, não há expressões idiomáticas com morfema causativo e verbo agentivo mais baixo – o que é exemplificado pelo japonês, língua em que os verbos leves causativos aparecem como afixos na raiz verbal mais baixa).

Vale ressaltar que as previsões feitas se coadunam com o fato de que categorias funcionais que se ligam a raízes freqüentemente incluem fronteiras que separam domínios de significados especiais – o que comprova que palavras também são usualmente identificadas pelo conteúdo de suas raízes, em que as raízes são os itens sujeitos a significados especiais.

Adotando uma concepção de morfologia distribuída e de um léxico 'explodido', com três possibilidades de configuração (léxico estrito, "vocabulário" e enciclopédia) e, conseqüentemente, de construção das palavras na sintaxe através de mecanismos gerais, colocam-se para a nossa pesquisa, como seus objetivos específicos:

- a) o estudo das subclasses de verbos, dos traços e dos núcleos funcionais nos quais as raízes se inserem;
- b) o estudo das nominalizações, da causatividade.

Como objetivos associados, e diretamente ligados às interfaces, estão o estabelecimento da relação entre variação lingüística e léxico, e o

estudo da variação em termos de possibilidades gramaticais, quando diferentes opções de estrutura são aceitas e usadas em uma mesma língua. Além disso, também existe aqui a busca de resposta para uma questão aberta na própria teoria adotada (cf. MARANTZ, 1997, p. 4-5), que é a de saber quanto de informação sobre raízes está presente no léxico estrito e, ainda, saber se as formas fonológicas das raízes estão entre os itens do "vocabulário" e se - e como - a escolha particular de uma raiz a partir do léxico estrito ou do "vocabulário" alimenta a interpretação semântica.

3 À guisa de conclusão

As seções precedentes mostraram o enriquecimento, no quadro teórico adotado, dos estudos das interfaces - enriquecimento esse que recebe um aporte considerável da variação lingüística. Até há pouco tempo atrás - no gerativismo que vai até o Minimalismo - seria impensável ver a forma da língua como sendo determinada pelo seu uso: esse era um postulado assumido unicamente pelos funcionalistas e negado pelos formalistas²⁷. Atualmente, nas versões minimalistas da Teoria de Princípios e Parâmetros, já é possível atribuir um outro peso ao estudo dos usos lingüísticos, na medida em que esses podem ser vinculados a investigações sobre a arquitetura da mente humana.

Para finalizar, gostaria de deixar registradas algumas observações sobre a coleta de dados, que pode ser quantitativa e qualitativamente ampliada.

O quadro teórico em que nos movemos permite a adoção - como método de coleta de dados - de formulários/questionários e não impede que se lance mão de entrevistas, de produções espontâneas, como narrativas, conversas entre os falantes nativos, discursos públicos. Assim, para a obtenção de dados relevantes para o estudo da variação lingüística, podemos não só construir novos formulários/questionários, mas também repassar com novos informantes todos os formulários/questionários já por nós utilizados. No que diz respeito a entrevistas, essas podem ser elaboradas juntamente com falantes nativos, de modo a se ter um quadro da movimentação dos falantes nativos no interior das áreas indígenas e do seu contato com a sociedade envolvente, além do seu contato e interação com falantes de outras línguas indígenas. As entrevistas podem ser gravadas e conduzidas, *na própria língua indígena*, por falantes nativos, sendo o material posteriormente estudado juntamente com diferentes falantes nativos. A ampliação quantitativa e qualitativa nos conjuntos de dados obtidos possui um efeito imediato em termos da documentação de línguas indígenas: com essa ampliação passam a ser cobertas áreas lingüísticas mais amplas, havendo a oportunidade de constituição de bancos de dados que, suficientemente ricos, poderão vir a ser utilizados para estudos de variação e mudança lingüística segundo diferentes vertentes teóricas. Um outro efeito derivado dessa ampliação pode ter consequências consideráveis do ponto de vista político e está entre os mais importantes: a ampla documentação dos usos lingüísticos pode ter a par-

ticipação ativa das comunidades indígenas para que as mesmas, enquanto sujeitos e também proprietárias da documentação produzida, tracem a sua própria história e tenham papel ativo na construção de suas políticas.

Abstract

Under the light of the formal theory of language, this paper investigates the necessity of resorting to the linguistic variation study to understand linguistic phenomena present in the target field of the Brazilian Indigenous Languages. The research framework in question is the Theory of Principles and Parameters in its minimalist versions, and the investigation paths that are taken are those associated to certain Amazonian languages. While contemplating such research possibilities for these languages, the text aims at unveiling how the adoption of linguistic variation as a theoretical framework sheds light onto the study of the interfaces, syntax and lexicon.

Keywords: indigenous languages; linguistic variation; syntax; phonology; lexicon.

Notas

1 Projeto apoiado pelo CNPq através de bolsa de produtividade em pesquisa.

2 Projeto premiado pela FAPERJ no "Cientista do Nosso Estado", ano 2000. A equipe atualmente integrante desse projeto é constituída por Marília Facó Soares (coordenadora), Raquel Guimarães Romankevicius Costa, Carmen Teresa Dorigo, Elder José Lanes e Jaqueline Peixoto. Conta o projeto, até o momento, com dois doutores, dois doutorandos com título de mestre e uma mestranda. Todos os pesquisadores possuem vínculo com o Setor de Linguística do Museu Nacional/UFRJ.

3 Trechos deste texto foram apresentados no Simpósio "Estúdios de lenguas em América Latina (las lenguas indígenas)", X FIELC-X Congresso de la Federación Internacional de Estúdios sobre América Latina y el Caribe (Moscou, junho de 2001).

⁴ Para o estudo de línguas Pano, temos combinado as nossas atividades de pesquisa às atividades de orientação em pós-graduação, o que vem resultando na produção de novas teses e dissertações (ver Costa, 1992; Carvalho, 1992; Costa, 2000 e Lanes, 2000).

⁵ Essas aldeias situam-se entre aquelas densamente povoadas, sendo os seguintes os dados relativos à sua população: Belém do Solimões – 43000 indivíduos; Campo Alegre – 2085 indivíduos; Vendaval: 1120 indivíduos (cf. *Atlas das Terras Ticunas*).

⁶ Ainda de acordo com o Atlas das Terras Ticunas, a aldeia Canimaru aparece com uma população de 204 indivíduos.

⁷ Os contatos que temos com falantes originários de diferentes pontos da área Tikuna são derivados do trabalho de assessoria linguística que realizamos para fins de colaboração na formação de professores Tikuna.

⁸ Dessas 47 aldeias, apenas uma é apontada como contendo população Tikuna e Kokama (aldeia Bananal, com 319 indivíduos ao todo). E somente uma aldeia é considerada como constituida inteiramente de população Kokama (aldeia Barreirinha, com um total de 115 indivíduos). Essas duas aldeias são praticamente contíguas. Os índios Kokama ou de origem Kokama que conhecemos pessoalmente são falantes de Tikuna, e não de Kokama. No entanto, ainda não realizamos um levantamento completo sobre a possibilidade de uso da língua Kokama no interior da área Tikuna como um todo.

⁹ Ver, para o Marubo, Costa (1992; 2000); para o Matsés, Carvalho (1992) e Dorigo (em andamento).

¹⁰ As línguas Marubo, Matsés e Matis são faladas no Vale do Javari, estado do Amazonas.

¹¹ Ver Lanes, 2000.

¹² Segundo Lanes (2000), configuram-se - a respeito de algumas das línguas mencionadas - as situações a seguir:

1- Jaminawa. Localização geográfica da(s) área(s): Área Indígena Cabeceiras do Rio Acre, que se localiza no município de Assis Brasil, estado do Acre (AC). A população Jaminawa habita inúmeras áreas e 'não áreas' em todo o estado, possuindo hábitos nômades; população: a população Jaminawa totaliza aproximadamente 1500 indivíduos que vivem no estado do Acre, existindo Jaminawa na Bolívia e Peru. *Como se trata de uma população com hábitos de nomadismo, é bastante difícil contabilizar o número de indivíduos que compõem essa etnia. A língua Jaminawa possui uma situação bastante diferente das demais aqui apresentadas. Por sua vez, essa especificidade se deve aos traços culturais específicos deste grupo. Mais precisamente, o nomadismo. Enquanto as demais línguas da família Pano sempre são faladas em áreas geográficas restritas e por um grupo relativamente reduzido de falantes, o Jaminawa é falado em diversos pontos do estado Acre, Peru e Bolívia.* Ao mesmo tempo, por estar sempre em contato com a sociedade envolvente, a população Jaminawa acabou por utilizar a sua língua como um instrumento de defesa, de proteção de informações diante dessa sociedade envolvente. Em que pese essa situação, podem ser verificados diversos elementos de empréstimos lexicais da língua portuguesa no Jaminawa.

2- Yawanawa. Localização geográfica da(s) área(s): Município de Tarauacá no Estado do Acre. A área Yawanawa se localiza às margens do Rio Gregório, sendo a primeira área indígena a ter sido demarcada no estado do Acre. A população Yawanawa se encontra dividida em dois grupos: o primeiro, contando com aproximadamente 220 indivíduos, se encontra vivendo na Área Indígena Rio Gregório; o segundo, composto de mais ou menos 25 indivíduos, se encontra na Área Indígena Morada Nova, vivendo junto com o grupo Shanenawa (que também é Pano), no município de Feijó - AC. A população Yawanawa possui contato estabelecido e intermitente com a população nacional desde o início deste século. A área que hoje habita foi local de aldeamento de várias etnias, daí verificar-se hoje a existência de diversos casamentos interétnicos. *Além disso, devido aos processos de contato com a população nacional, ocorreu um sensível decréscimo da população.* Nas décadas de 70 e 80, os Yawanawa tiveram em sua área a presença fixa de missionário da New Tribes Mission (Missão Novas Tribos), com a realização de trabalhos de tradução da Bíblia, educação e proselitismo religioso. Todos esses fatores, somados ao quadro de prestígio de que a língua nacional disfrutava diante das línguas minoritárias, contribuem para explicar o quadro atual da língua. *Pode-se observar que, mesmo na área, há uma tendência à perda da língua. Essa tendência se verifica na constatação de que somente dentre os mais idosos podem ser encontrados indivíduos monolíngües em Yawanawa ou mesmo bilíngües com domínio maior em Yawanawa. Verifica-se uma tendência à existência, nos casamentos mais recentes, de situações em que as crianças não têm domínio ativo de Yawanawa.*

3- Kaxarari. A área Indígena Kaxarari se localiza no Município de Extrema - AC, com acesso pela BR 364 entre Rio Branco e Porto Velho. A população Kaxarari se encontra praticamente toda vivendo na área indígena Kaxarari, no município de Extrema - AC. A exceção é constituída por algumas famílias que vivem em Rio Branco - AC. Ao todo são aproximadamente 250 indivíduos vivendo na área. *A língua Kaxarari tem como principais fatores de ameaça a proximidade com as cidades (são 40 quilômetros de estrada não pavimentada até a BR 364 e mais 60 km até a cidade de Rio Branco) e os casamentos interétnicos existentes dentro do grupo.* Existem, por exemplo, casamentos entre Manchineris (grupo Arawak) e Kaxararis - o que ocasiona situações de bilíngüismo e trilingüismo. Cabe lembrar que, muito em função do tipo de contato que esta população sofreu (com a exploração de uma jazida de pedras para construção em sua área), o grupo se encontra em uma situação de muita proximidade com o mundo urbano, onde predomina o uso da língua nacional.

4- Arara. A Área Indígena Arara se localiza no Município de Cruzeiro do Sul - AC, junto à reserva extrativista do Alto Juruá. A população Arara totaliza algo em torno de 230 indivíduos: boa parte desses vive na área indígena, sendo que alguns vivem na periferia da cidade de Cruzeiro do Sul. A situação da língua Arara, no que diz respeito à sua vitalidade, é uma das mais graves que encontradas no estado do Acre. Além do fato de possuir uma população bastante exígua, a forma de contato e os casamentos interétnicos realizados colocaram esta língua no rol daquelas que estão em vias de extinção. Segundo Cunha (1993), "A língua Arara (Pano) possui 7 (sete) falantes no grupo de aproximadamente 230 pessoas".

¹³ Por exemplo, em Belém do Solimões (uma das aldeias densamente povoadas), há uma família dos chamados "civilizados" que aí vive há longo tempo (família Tenazor). Um dos membros dessa família se casou, muitos anos atrás, com uma Tikuna. O filho nascido dessa união (José

Tenazor) - hoje um homem maduro - é falante nativo de Tikuna, possuindo o português como segunda língua.

Com relação à presença de índios Kokama ou de origem Kokama na área Tikuna, ver nota 7.

¹⁴ Ver, por exemplo, na nota 11, a situação de contato lingüístico entre Kaxarari (Pano) e Manchineri (Aruak).

¹⁵ Ver nota 12.

¹⁶ Ver a formulação do Princípio da Uniformidade em Chomsky (1999).

¹⁷ A propósito de variação dialetal e variação em termos de possibilidades gramaticais na ótica gerativa, ver, por exemplo, Lemle (2000).

¹⁸ A busca da variação translingüística não é uma exclusividade dos gerativistas. Em KATO (1998), é tecido um interessante paralelo entre funcionalistas e formalistas (esses últimos identificados como gerativistas), a partir do entendimento do funcionalismo em suas diferentes perspectivas. De acordo com KATO (1998), "...paralelamente aos formalistas, há funcionalistas que procuram a variação translingüística possível (os universais do uso da língua) e funcionalistas que procuram determinar as causas da variação intralingüística".

¹⁹ O volume 1 de Soares (1992), *Investigação de aspectos da sintaxe Ticuna*, está publicado (ver Soares, 2000^b).

²⁰ As categorias prosódicas aí consideradas são: enunciado fonológico, sintagma entoacional, sintagma fonológico, palavra prosódica, sílaba, pé. (Na literatura em língua portuguesa, alguns autores empregam, em uma tradução direta do Inglês, as expressões 'frase entoacional e frase fonológica' em lugar de 'sintagma entoacional e sintagma fonológico', respectivamente; esse emprego implica alterações de fundo teórico).

²¹ Sobre o Axioma de Correspondência Linear, ver Kayne (1994). O autor, que conclui pela inexistência de parâmetros de direcionalidade, propõe que a ordem linear dos constituintes é inteiramente derivada da hierarquia sintática, formulando um princípio invariável da gramática universal que determinaria *a priori* a correspondência entre hierarquia e ordem: o Axioma da Correspondência Linear, concebido em termos de c-comando assimétrico.

²² No Programa Minimalista, *Spell-Out* é o ponto em uma derivação em que traços fonéticos e traços semânticos são processados por componentes separados da gramática.

²³ Guimarães (1998, p. 157-161) propõe que o Axioma de Correspondência Linear seja expresso por meio de dois passos, fatorando-o em dois algoritmos: o Algoritmo de Linearização de Terminais e o Algoritmo de Linearização de *Strings*. O primeiro lineariza os membros de P em uma ou mais *strings* d , enquanto o segundo, que se constituiria no segundo passo da linearização, constrói uma *super-string* r .

²⁴ A propósito, ver Chomsky (1998 e 2000), Uriagereka (1999) e Guimarães (1998).

²⁵ Na visão lexicalista, tanto o léxico quanto a sintaxe conectam som e significado, relacionando, sistematicamente, som e significado de constituintes complexos a sons e significados de suas partes constitutivas, havendo aí um ponto bastante importante: o que se sabe sobre palavras não é o mesmo que se sabe sobre sintagmas e sentenças. Na visão lexicalista, a sintaxe manipula palavras sem ter acesso à sua constituição interna, e o que se sabe sobre palavras (tarefa da morfologia) é o que se gostaria de considerar como sabido sobre suas partes constituintes - os morfemas (elementos atômicos).

²⁶ Cabeça sintática é expressão equivalente a núcleo sintático.

²⁷ Ver, a propósito, Kato (1998).

Referências

ARONOFF, M. Phonologically specific stems. In: ARONOFF, M. Morphology by itself stems and inflectional classes. *Linguistic Inquiry Monographs*, n. 22. Cambridge: The MIT Press, 1994.

ARCHANGELI, D. *Underspecification in Yawelmani phonology and morphology*. PhD. Thesis: MIT, 1984.

ATLAS DAS TERRAS TICUNAS. Projeto Museu Nacional/ FINEP/PPG-7-CGTT. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1998.

_____. Aspects of underspecification theory. *Phonology*, n. 5, p. 183-207, 1988.

BAKER, M.C. *The polysynthesis parameter*. Oxford: Oxford Studies in Comparative Syntax, 1995.

- _____. *Incorporation: a theory of grammatical function changing*. Chicago: University of Chicago Press, 1988.
- BOBALJIK, J.D. & JONAS, D. Subject positions and the role of TP. *Linguistic Inquiry*, v. 17, n.2, p. 195-236, 1996.
- _____. *Morphosyntax: the syntax of verbal inflection*. PhD dissertation: MIT, 1995.
- CARVALHO, C.T. *A decodificação da estrutural frasal em Matsés (Pano)*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Lingüística: Faculdade de Letras/ UFRJ, 1992.
- CHEN, M.Y. The syntax of Xiamen tone sandhi. *Phonology Yearbook*, n. 4, p. 109-49, 1987.
- CHOMSKY, N. *Derivation by phase*. Ms, 1999.
- _____. *Minimalist inquiries: the framework*. *MIT Occasional Papers in Linguistics*, Cambridge: MIT Press, n. 15, 1998.
- _____. *The minimalist program*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- CHRISTDAS, P. *The phonology and morphology of Tamil*. PhD. Dissertation, Ithaca/N.Y.: Cornell University, 1988.
- CLEMENTS, G. N.; HERTZ, S.; LAURET, B. A representational basis for modelling English vowel duration. Stockholm, *Proceedings of the 13th International Congress of Phonetic Sciences*, 1995.
- CLEMENTS, G.N. & HUME, E. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. A. (ed.) *The handbook of phonological theory*. Oxford/ Cambridge: Blackwell, 1995.
- CLEMENTS, G. N. *Underspecification or nonspecification?* CNRS, UA 1027, 1994.
- _____. The role of the sonority hierarchy in core syllabification. In: KINGSTON, J. BECKEMAN, M. E. (eds). *Papers in laboratory phonology I: between the grammar and physics of speech*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- _____. Toward a substantive theory of feature specification. *Papers from the 18th Annual Meeting of the North Eastern Linguistic Society (NELS 18)*, Dept. of Linguistics: University of Mass. Amherst, Ma, 1987. p. 79-93.
- _____. Tone and syntax in Ewe. In: NAPOLI, D.J. (ed). *Elements of tone, stress, and intonation*. Washington, D. C.: Georgetown University Press, 1978. p. 21-99.
- COMRIE, B. & SMITH, N. *Lingua Descriptive Questionnaire*. *Special edition of Lingua*. Amsterdam: North-Holland, 1977.
- COSTA, R. G. R. *Aspectos da fonologia Marubo (Pano): uma visão não-linear*. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Lingüística: UFRJ, 2000.
- _____. Aspects of ergativity in Marubo (Panoan). In: EVERETT, D. L. (ed.) *The Journal of Amazonian Languages*. v. 1, n. 2. p. 50-103, 1998.

_____. Constituintes métricos na língua Marubo (Pano). Trabalho final apresentado no curso Lingüística Antropológica (Ritmo: manifestação e representação lingüística; código MNA 842), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social: Museu Nacional/UFRJ, 1995.

_____. *Padrões rítmicos e marcação de caso em Marubo (Pano)*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Lingüística: Faculdade de Letras/ UFRJ, 1992.

CUNHA, C. M. *A morfossintaxe da Língua Arara (Pano) do Acre*. Dissertação de mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1993.

DI SCIULLO, A.M. *The complement domain of a head at morphological form*, 1993.

DORIGO, C.T. & COSTA, R.G.R. Constituintes métricos nas línguas Matsés e Marubo (Pano). *Anais do VI Congresso da ASSEL-Rio*, 1997.

DORIGO, C.T. *Aspectos da fonologia e morfologia Matsés (Pano)*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras (em andamento).

_____. Constituintes métricos na língua Matsés (Pano). Trabalho final apresentado no Curso Lingüística Antropológica (Ritmo: manifestação e representação lingüística; código MNA 842), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social: Museu Nacional/UFRJ, 1995.

EVERETT, D.O. Metrical constituent structure in Pirahã phonology. *Natural Language and Linguistic Theory*, n. 6, p. 207-246, 1988.

_____. Pirahã clitic doubling. *Natural Language and Linguistic Theory*, n. 5, p. 245-276, 1987.

GERKEN, L.A.; JUSCZYK, P.; MANDEL. When prosody fails to cue syntactic structure: nine-months olds sensitivity to phonological vs. syntactic phrases. *Cognition*, n. 51, p. 237-265, 1994.

GOLDSTON, C. *The syntax-prosody interface in optimality theory*, 1994.

GUIMARÃES, M. *Repensando a interface sintaxe-fonologia a partir do axioma de correspondência linear*. Dissertação de Mestrado: Instituto de Estudos da Linguagem/ UNICAMP, 1998.

HALLE, M. & MARANTZ, A. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: HALE, K. & KEYSER, S.J. (eds). *The view from building 20*. Cambridge: MIT Press, 1993.

KAJI, S. *Crosslinguistic studies of tonal phenomena*. Tonogenesis, typology, and related topics. Tokyo, ILCAA, Tokyo University of Foreign Studies, 1999.

KAYNE, R. *The antisymmetry of syntax*. Cambridge: MIT Press, 1994.

HALLE, M. & VERGNAUD, J.R. *An essay on stress*. Cambridge: The MIT Press, 1987.

HAYES, B. *Metrical stress theory*. Principles and case studies. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

_____. *Metrical stress theory*. Principles and case studies. Draft. UCLA, 1991.

- _____. The prosodic hierarchy in meter. In: KIPARSKY, P. & Youmans (eds.) *Rhythm and meter*. Orlando: Academic Press, 1989.
- HULST, H. van der & SNIDER, K. *The phonology of tone*. The representation of tonal register. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 1993.
- IATRIDOU, S. About AGR(P). *Linguistic Inquiry*, v. 21, n. 4, p. 551-557, 1990.
- INKELAS, S. & ZEC, D. (eds) *The phonology-syntax connection*. Chicago: University of Chicago Press, 1990.
- KAGER, R. Alternatives to the iambic-trochaic law. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 11, n. 3, p. 381-432, 1993.
- _____. Consequences of catalexis. In: HULST, H. van der & WEIJER, J. van de. *Leiden in last*. The Hague: Holland Academic Graphics, 1995a.
- _____. Review article on metrical stress theory: principles and case studies. *Phonology*, n. 12, p. 437-464, 1995b.
- KAISSE, E.M. *Connected speech: the interaction of syntax and phonology*. Orlando: Academic Press, 1985.
- KATO, M.A. Formas de funcionalismo na sintaxe. *D.E.L.T.A.*, n. 14 (número especial), p. 145-168, 1998.
- KAYNE, R. *The antisymmetry of syntax*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- KENSTOWICZ, M. *Phonology in generative grammar*. Oxford: Blackwell, 1994.
- KIPARSKY, P. *Catalexis*. Stanford University & Wissenschaftskolleg zu Berlin, 1991.
- _____. Lexical morphology and phonology. In: YANG, I. -S. (ed). *Linguistics in the morning calm*. Linguistic Society of Korea, Hanshin, Seoul, 1982. p. 3-91.
- _____. Some consequences of lexical phonology. *Phonology Yearbook*, n. 2, p. 85-138, 1985.
- LANES, E. J. *Mudança fonológica em línguas Pano*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2000.
- LEMLE, M. *Variação lingüística e a metáfora do computador*. Conferência proferida na Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro, 13 de junho de 2000.
- LIBERMAN, M. *The intonational system of English*. PhD dissertation. Cambridge: The MIT Press, 1975.
- _____. & PRINCE, A. On stress and linguistic rhythm. *Linguistic Inquiry*, n. 8, p. 249-336, 1977.
- MAIA, M; FRANCHETTO, B; LEITE, Y; SOARES, M. FACÓ & VIEIRA, M.D. A estrutura da oração em línguas indígenas brasileiras. *D.E.L.T.A.*, v. 15, n. 1, p.1-26, 1999.
- _____. Comparação de aspectos da gramática em línguas indígenas brasileiras. *D.E.L.T.A.*, v. 14, n. 2, p. 349-375, 1998.

- MARANTZ, A. (1997) No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. To appear in Penn Working Papers in Linguistics.
- MESTER, R. A. The quantitative trochee in Latin. *Natural Language and Linguistic Theory*, n. 12, p. 1-61, 1994.
- MITCHELL, E. When AGRO is fused to AGRS: what morphology can tell us about functional categories. In: HARLEY, H. & PHILLIPS, C. (eds) The morphology-syntax connection. *The MIT Working Papers in Linguistics*, n. 22, 1994.
- MOHANAN, K.P. On the basis of radical specification. *Natural Language and Linguistic Theory*, n. 2, p. 285-325, 1991.
- MONSERRAT, R.; SOARES, M. F. & SOUZA, T. C. C. de. *Formulário tipológico para estudos em línguas indígenas brasileiras*. Setor de Linguística do Museu Nacional/UFRJ, 1980.
- MONTES, E. *Vers une tonologie de la langue Tikuna*. Mémoire de D.E.A. Département de Linguistique: Université de Paris VII, 1987.
- _____. Interpretación del sistema tonal. Ponencia sobre la lengua Ticuna (Amazonas) en el area de fonología. *Lenguas Aborígenes de Colombia. Memoria*. 1992a.
- _____. Aspectos metodológicos de la descripción de lenguas tonales: el caso Ticuna. *Boletín de Lingüística Aborigene*, n. 4, p. 3-10, 1992b.
- MURASUGI, K. A constraint on feature specification of Agr. In: HARLEY, H. & PHILLIPS, C. (eds) The morphology-syntax connection. *The MIT Working Papers in Linguistics*, n. 22, p. 131-152, 1994.
- NAPOLI, D.J. & NESPOR, M. The syntax of word initial consonant gemination in Italian. *Language*, n. 55, p. 812-841, 1979.
- NESPOR, M. Setting syntactic parameters at a prelexical stage. 1995.
- _____. *Fonologia*. Bologna: Il Mulino, 1993.
- _____. On the separation of prosodic and rhythmic phonology. In: INKELAS, S. & ZEC, D. (eds.) *The phonology-syntax connection*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1990.
- NESPOR, M. & VOGEL, I. On clashes and lapses. *Phonology*, n. 6, p. 69-116, 1989.
- _____. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris, 1986.
- _____. Prosodic domains of external sandhi rules. In: HULST, H. van der & SMITH, N. (eds). *The structure of phonological representations*. Part I. Dordrecht: Foris, 1982. p. 225-255.
- ODDEN, D. Simplicity of underlying representation as motivation for underspecification. In: HUME, E. (ed). *Papers in Phonology*. OSU Working Papers in Linguistics, n. 41, p. 85-100, 1992.
- POLLOCK, J.Y. Verb movement, UG and the structure of IP. *Linguistic Inquiry*, n. 20, p. 365-424, 1989.

- PRINCE, A. Relating to the grid. *Linguistic Inquiry*, n. 14, p. 19-100, 1983.
- PULLEYBLANK, D. *Tone in lexical phonology*. Reidel: Dordrecht, 1986.
- QUESADA, J. Diego & SOARES, M. F. Participant-highlighting in two linguistic areas of the Americas. In: CALDECOTT, M.; GESSNER, S.; KIM, Eun-Sook (eds.), *University of British Columbia Working Papers in Linguistics. Proceedings of WSCLA 4. The Workshop on Structure and Constituency in Languages of the Americas*, v. 2, p. 117-129, 1999.
- RAPOSO, E. *Towards a minimalist account of nominal anaphora*, 1999.
- RIVER, M.L. Clause structure and V-movement in the languages of the Balkans. *Natural Language and Linguistic Theory*, n. 12, p. 63-120, 1994.
- ROBERTS, I. Excorporation and minimality. *Linguistic Inquiry*, p. 209-218, 1991.
- RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 1986.
- ROTENBERG, J. *The syntax of phonology*. PhD dissertation. Cambridge: The MIT Press, 1978.
- RUBACH, J. Skeletal versus moraic representations in Slovak. *Natural Language and Linguistic Theory*, n.11, p. 625-653, 1993.
- SELKIRK, E. Sentence prosody: intonation, stress, and phrasing. In: GOLDSMITH, J. A. (ed.) *The handbook of phonological theory*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1995.
- SELKIRK, E. O. *Phonology and syntax: the relation between sound and structure*. Cambridge: The MIT Press, 1984.
- _____. *The syntax of wors*. Cambridge: The MIT Press, 1982.
- _____. *On prosodic structure and its relation to syntactic structure*. Bloomington: Indiana Linguistic Club, 1978.
- SOARES, M. Facó. *O supra-segmental em Tikuna e a teoria fonológica. Volume I: Investigação de aspectos da sintaxe Tikuna*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000a.
- _____. On the relation between syntax and phonology in Tikuna (isolated), Marubo and Matsés (Panoan family). In: VOORT, Hein van der & KERKE, Simon van der, *Indigenous languages of Lowland South America. Indigenous languages of Latin America (ILLA) 1*. Leiden, CNWS, Universiteit Leiden, 2000b.
- _____. A contribuição do Tikuna às regras do ritmo e à relação sintaxe-fonologia. In: SCARPA, E. M. *Estudos de prosódia no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999. p. 189-252.
- _____. Sous-spécification tonale en Tikuna. In: CARON, B. (ed.) *Actes du 16e Congrès des Linguistes*. Oxford: Elsevier Sciences, 1998.
- _____. Sílabas sin "onset" en algunas lenguas indígenas brasileiras. *Actas de las Terceras Jornadas de Lingüística Aborigin*. Universidad de Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras, Instituto de Lingüística, maio de 1997. p.119-129.

_____. Algumas possibilidades abertas no horizonte da pesquisa com línguas indígenas brasileiras. *Anais do I Congresso Nacional da Associação Brasileira de Linguística*. Maceió: ABRALIN, 1997. p. 489-502.

_____. Representación de los tonos en Tikuna. *Actas de las Jornadas de Antropología de la Cuenca del Plata/Segundas Jornadas de Etnolingüística*. Universidad Nacional de Rosario, Facultad de Humanidade y Artes, Escuela de Antropología, Rosario, Argentina, 1997. p. 189-198.

_____. A proposal for dictionarization of an Indian language. In: KRIEGER, M.G. (org.) Número especial da Revista *META, Journal des Traducteurs / Translators Journal*, vol. 41, n 2, p. 288-294. Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal, 1996a.

_____. Regulação rítmica e atuação do OCP em Tikuna. *Letras de Hoje*, v. 31, n. 2, p. 7-26, 1996b.

_____. Aspectos lineares e não-lineares de processos fonológicos em línguas indígenas brasileiras. *Letras de Hoje*, v. 31, n. 2, p. 77-96, jun. 1996c.

_____. *Adjunction in Tikuna and its theoretical consequences*. Encontro Anual da Society for the Study, de 04 a 07 de janeiro de 1996d.

_____. *Subespecificação tonal em Tikuna*. IX Encontro Nacional da ANPOLL, realizado em João Pessoa, Paraíba, Brasil, 02 a 06 de junho de 1996e.

_____. Tikuna. Ordem vocabular, clíticos e posição de origem do sujeito. In: *Comparação de aspectos da gramática de algumas línguas indígenas brasileiras* (co-autoria com Marcus Maia, Márcia Damaso Vieira, Bruna Franchetto e Yonne Leite). IX Encontro Nacional da ANPOLL, João Pessoa, Paraíba, Simpósio Teoria da Gramática e Línguas Indígenas Brasileiras, 1996d.

_____. Trabalhos lingüísticos sobre interface. Rio de Janeiro, *Anais do V Congresso da Associação dos Estudos da Linguagem do Rio de Janeiro*, 1996. p. 75-86.

_____. Ritmo y tono en tikuna. *Actas de las Segundas Jornadas de Lingüística Aborigen*, 1994. Universidad de Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, Instituto de Lingüística, 1995a. p. 147-161.

_____. Núcleo e coda. A sílaba em Tikuna. In: WETZELS, L. (org.) *Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995b. p. 195-263.

_____. Do tratamento fonológico do ritmo. *Letras de Hoje*, v. 29, n. 4, p. 7-23, dez. 1994.

_____. *O supra-segmental em Tikuna e a teoria fonológica*. Volume II: Ritmo. Tese de doutorado. Campinas: IEL, 1992.

_____. Aspectos suprasegmentais e discurso em Tikuna. In ORLANDI, E. (ed) *Discurso indígena. A materialidade da língua e o movimento da identidade*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.

SOARES, M. F.; PEIXOTO, J. & CRESPO, L. A contribuição do Marubo à

tipologia dos padrões acentuais. Fortaleza, *Anais da XVI Jornada de Estudos Lingüísticos do Nordeste*, 1999. p. 630-637.

SPENCER, A. & ZWICKY, A. M. *The handbook of morphology*. Oxford: Blackwell, 1998.

STERIADE, D. Underspecification and markedness. Ms, UCLA, 1993. (Publicado em J. Goldsmith, (ed.) *Handbook of Phonology*. Basil, Blackwell, Oxford).

_____. Redundant values. In: BOSCH, A. et al. (eds) *Papers from the parasession on autosegmental and metrical phonology*. Chicago Linguistic Society, Department of Linguistics, University of Chicago, 1987. p. 339-62.

STOWELL, T.A. *Origins of phrase structure*. Thesis submitted to the Department of Linguistics and Philosophy: MIT, 1981.

URIAGEREKA, J. Minimal restrictions on Basque movement. *Natural Language and Linguistic Theory* (no prelo).

URIAGEREKA, J. Multiple Spell-Out. In: EPSTEIN, S. & HORNSTEIN, N. (eds.) *Working minimalism*. Cambridge: The MIT Press, 1999.

URIAGEREKA, J. Aspects of the syntax of clitic placement in Western Romance. *Linguistic Inquiry*, n. 26, n.1, p. 79-123, 1995.

_____. *A minimalist dialogue between Chomsky and Hawking*, 1994.

VIEIRA, M.D. *Guia-questionário para a coleta de línguas indígenas brasileiras*. Museu Nacional/ UFRJ, 1996.

WETZELS, L. (org.) *Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

ZEC, D. & INKELAS, S. Prosodically constrained syntax. In: INKELAS, S. & ZEC, D. (eds) *The phonology-syntax connection*. Chicago: University of Chicago Press, 1990.